

DOCÊNCIA ANIMAL E ESCRILEITURAS: UM ESTUDO NOOLÓGICO A PARTIR DE KAFKA E DELEUZE

JOSIMARA WIKBOLDT SCHWANTZ¹; **CARLA GONÇALVES RODRIGUES²**

¹*Universidade Federal de Pelotas – josiwikboldt@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – cgrm@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

Tratando da temática da docência, este trabalho tem por objetivo mapear as condições sob as quais imagens do pensamento emergem no momento da leitura e da escrita. O interesse é fomentado pelo propósito de formação percebido nos cursos de licenciatura, em especial no de Pedagogia, que esperam desenvolver um professor transmissor de conhecimentos, detentor de saberes, avaliador, identificador de fases de aprendizagem, reflexivo, mobilizador de competências. Questiona-se: o que há para além dessas habilidades? Do mesmo modo, considera-se a experiência da pesquisadora no Projeto Escrileituras (CORAZZA, 2011) que utilizou, em alguns de seus trabalhos, matérias literárias de Kafka, com docentes e discentes da educação básica e universitária, como experimentação do ler-escrever em meio à vida.

O Projeto foi aprovado pelo edital nº 038/2010 vinculado ao Programa Observatório da Educação (OBEDUC) e financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) junto ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). A proposta de trabalho e de pesquisa vinculou-se à linha teórica de estudos das Filosofias da diferença E buscou operar, inseparavelmente da teoria e da prática, o ler-escrever trafegando em via de mão dupla. Desenvolveu a leitura-escrita como potência e não apenas como representação de um saber (regras de gramática, por exemplo).

A hipótese da pesquisa indica que há imagens produzidas em meio à literatura que destitui uma identidade professoral (ARANHA, 1996), ao compor outros territórios subjetivos. Em relação ao problema, pergunta-se: quais imagens do pensamento emergem das maneiras com que se lê e se escreve, desde as condições de possibilidades oferecidas para pensar sobre a docência enquanto criação de um estilo pedagógico? Interessa observar os tipos de imagens favorecidas e, também, as condições possibilitadas para que elas se desenvolvam.

Deleuze e Guattari (2010; 2012b) entendem o termo noologia como um estudo das imagens do pensamento. Afirmam a necessidade de combater a ascensão de princípios universais de pensamento que instituem verdades e pressupostos filosóficos estabelecidos como naturais. Os autores demonstram os contornos diferentes em que essas imagens se produzem, de acordo com o tempo vivido, vindo a afirmar que nem sempre desenharam-se em torno de ideias e conceitos filosóficos. Os poetas no Estado imperial arcaico, os sociólogos como Durkheim e seus discípulos, e até mesmo a psicanálise exercem a função de domesticá-las com fortes pretensões de pôr a funcionar um novo *Cogitatio universalis* (DELEUZE; GUATTARI, 2012b).

Com a pesquisa, buscou-se, também, pistas teóricas que auxiliasse a pensar a relação entre animalidade e humanidade, bem como as fronteiras que as constituem. Em relação ao conceito filosófico de animal, por um lado, ora observa-se que a raça humana é enaltecida em sua superioridade em detrimento

do animal, conforme visto em Aristóteles (2016), ora é estabelecida certa conexão entre homem e animal, ao causar a possibilidade de, nessa relação, o ser humano pensar-se, como destaca Derrida (2011). Por outro lado, Deleuze com Parnet (2015) não separa nem a superioridade nem a inferioridade de um em detrimento de outro, mas afirma o que um animal tem de fascinante: uma capacidade de reagir a pouca coisa, constituindo um território, desde sua singularidade. Já Barthes (2003) denuncia o desaparecimento das espécies selvagens em razão das domesticadas, afirmando ser o animal selvagem necessário para que o mundo não se torne tão frágil.

Pela literatura (MACIEL, 2016), percebe-se um rompimento de fronteiras entre humanidade e animalidade, de modo que alguns autores, assim como Kafka, expõem a viabilidade de pensar nas formas híbridas de existência além da humana. A literatura kafkiana propõe um encontro, de maneira que não apenas a mente sofre uma ação (criação de paisagens no pensamento), mas o corpo também (estado, devir). O devir-animal constituído em alguns de seus personagens, demonstra a possibilidade de estabelecer estados em um corpo (DELEUZE; GUATTARI, 2014). Isso auxilia a entender a construção das novelas de rádio e dos personagens pelos docentes participantes da Oficina Conatus.

2. METODOLOGIA

O método cartográfico (DELEUZE; GUATTARI, 1995) considera a experiência vivida do pesquisador agenciada ao *corpus* escolhido. Trata-se de operá-lo a partir de uma necessidade de se pensar, ocupando-se de observar o que poderá transformar-se durante o processo de constituição da pesquisa, bem como o vetor que potencializa ou despotencializa a mudança. Um diário de bordo está sendo utilizado para registro dessas observações, pontos de ruptura na própria formação do cartógrafo e sobre como vai construindo, de igual modo, as imagens de seu pensamento. Dois elementos são constitutivos do processo metodológico: a revisão bibliográfica em torno do conceito de animal para a filosofia e para a literatura; a transcrição e leitura das quinze novelas de rádio produzidas por docentes participantes da Oficina Conatus, efetivada pelo Núcleo UFPel do Projeto Escrileituras. Essas matérias serão analisadas no decorrer da pesquisa ao mapear as condições noológicas em relação à docência. O fragmento a seguir exemplifica uma possível imagem gerada, a partir de escrileituras produzidas em uma escola pública:

Na Índia a vaca é um animal sagrado, não pode ser morta ou molestada. No Brasil não poderia ser diferente, claro que de um modo bem Tupiniquim: aquela vaca me rodou (muuuuu), a vaca me botou na rua (muuuuu), a vaca de física me deixou em exame (muuuuu), pô a vaca de história não me deu dois décimos (muuuuu), a porcaria da vaca não me deixou entrar (muuuuu) [...]. Ao ouvir os sábios conselhos o inimigo das vacas esbaforido com os próprios pensamentos que se transformavam em outros pensamentos, pesado e cheio de teia concluiu: - Eu vou arremessar o sinalizador naquela vaca (muuuuu). E como estamos em um mundo machista quem não é vaca é viado. Não você está enganado, não estamos no campo, bem vindo às escolas brasileiras (muuuuu) (novela intitulada A vaca).

Este movimento de escrita foi realizado por um grupo de professores, a partir da proposta final da Oficina que constituía a invenção de personagens e, posteriormente, uma novela de rádio. O material serviu como disparador para pensar a pesquisa, ao compreender a circunstância de enfrentamento dos

desafios da docência. Uma maneira de proporcionar sentido àquilo que se passa na sala de aula, na relação com o outro, com a escola, expressando seus próprios modos de existir. Acredita-se na existência de uma potência na ação das escrileituras (ou de escrileiturar), num movimento afirmativo aos devires que podem proliferar-se.

Busca-se compreender os territórios subjetivos constituídos em meio às experimentações de uma docência que escreve. Do mesmo modo, a cartografia, como método de pesquisa, servirá como uma maneira da pesquisadora pensar-se, num movimento de conjugação daquilo que lhe afeta e lhe constitui no seu processo docente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultados parciais, até o momento percebe-se que os docentes operaram seu procedimento de escrita na construção do personagem que variava entre ser a figura central e se a coadjuvante. Levando em consideração o estágio inicial em que se encontra esta investigação, observa-se ressonâncias na produção de sentidos, de maneira que os textos foram produzidos desde os agenciamentos das matérias artísticas, filosóficas e científicas oferecidas durante a Oficina, proporcionando engendrar outra imagem de pensamento sobre a docência.

Verifica-se que algumas das 15 novelas produzidas na Oficina Conatus demonstraram devires animais acionados na escrita. Não se trataram de fazer correspondências de relações, nem mesmo conceber semelhanças, imitar ou identificar algo (DELEUZE; GUATTARI, 2012a). As novelas foram construídas na tentativa de minimizar identidades professorais representativas, conforme visto na produção descrita anteriormente, um devir-vaca que salta dos estados de sensações oriundas de um espaço/tempo em que a própria docência era considerada como sagrada e outro espaço/tempo em que é vista como depósito de agressividades e identidades depreciativas.

Foram observadas alianças formadas entre homem e animal, de modo que outras formas de existência puderam ser problematizadas em sua potência, conforme menciona Maciel (2016). Afirmar o devir-animal pela escrita é pensar no que a literatura é capaz de acionar naquele que o lê. Trata-se, portanto, de uma dinâmica de escrileitura (CORAZZA, 2011), em que o leitor é um produtor-tradutor de sentidos, de conceitos e de outros modos de existir. Entende-se que o ato de ler-escrever está ligado com aquilo que força o pensamento a agir, que tenha potência suficiente para emergir novas formas de expressão.

Acredita-se, e por isso a apostila nesta pesquisa, na potência do próprio ato de educar. Evidenciar uma docência animal é demonstrá-la na dor e na alegria que produz, encontrando as fronteiras, inventando travessias para enfrentar os discursos anunciados e não anunciados que esta profissão carrega. Não se pretende criar outros enunciados em torno da temática, mas enaltecer aquilo que é potencializador e, também, o que despontencializa o professor diante de sua prática, para que este consiga encontrar sua própria saída, seja lendo, escrevendo, artistando, filosofando, entrando em devir.

4. CONCLUSÕES

Esta investigação pensa nos processos subjetivos que constitui uma docência, a partir da experimentação pelo ler-escrever, de outros modos de vida, rompendo as fronteiras entre humanidade e animalidade. A pesquisa tenta

demonstrar as imagens elaboradas do pensamento, bem como a necessidade não somente de exercer a docência, mas de registrá-la, de capturá-la, de percebê-la e de pensá-la através do vivido. Este trabalho não vem para desvelar algo escondido na formação de professores, não quer criticar o que está posto e em funcionamento. Pelo contrário, pretende-se mapear as condições em que se estabelecem as imagens em relação à docência, no instante em que se lê e se escreve sobre ela e por ela, acionando outro estilo pedagógico, fazendo variar modos de ser e de fazer. Talvez a urgência da temática esteja aí: emergir atos criativos nos professores, ao firmar o si em detrimento de uma representação, de um “Eu” docente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, M. L. A.. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1996.

ARISTÓTELES. **Política**. Texto integral. São Paulo: Martin Claret, 2015.

BARTHES, R. **Como viver junto**: simulações romancescas de alguns espaços cotidianos: cursos e seminários no Collège de France, 1976-1977. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CORAZZA, S. M. **Projeto de pesquisa**: Escrileituras: um modo de “ler-escrever” em meio à vida. Plano de trabalho. OBS da Educação. Edital 038/2010. CAPES/INEP. Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, setembro de 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.

_____. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v. 4. São Paulo: Ed. 34, 2012.

_____. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v. 5. São Paulo: Ed. 34, 2012.

_____. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Transcrição integral do vídeo. Acessado em 06 set. 2015. Online. Disponível em: <http://escolanomade.org/images/stories/biblioteca/downloads/deleuze-o-abecedario.pdf>

DERRIDA, J. **O animal que logo sou**: (A seguir). São Paulo: Editora Unesp, 2011.

KAFKA, F. **A metamorfose**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MACIEL, M. E. **Literatura e animalidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.